

Sattelzeit: modernidade e história

Sattelzeit: modernity and history

Géssica Góes Guimarães Gaio¹

Resumo: O presente trabalho pretende oferecer um comentário sobre uma das teses fundamentais do vultoso projeto do *Dicionário Histórico de Conceitos*, do qual Reinhart Koselleck foi integrante junto a Otto Brunner e Werner Conze, a noção de *sattelzeit* como um “tempo de sela”. Segundo Koselleck, entre as décadas de 1750 a 1850, teria ocorrido a formação da modernidade, caracterizado pelo distanciamento entre espaço de experiência e horizonte de expectativa, e esse movimento poderia ser visualizado na dinâmica de surgimento, transformação e sentido dos conceitos, sobretudo, na maneira como o homem passa a entender e se relacionar com a história.

Palavras-chave: Koselleck, Dicionário Histórico dos Conceitos, modernidade.

Abstract: This work intends to offer a commentary about one of the primary thesis of the voluminous project of the *Historical Concepts Dictionary*, conducted by Reinhart Koselleck, Otto Brunner and Werner Conze, the idea of *sattelzeit* as a “time of saddle”. According Koselleck, between the decades of 1750 to 1850, it would be occurred the formation of modernity, characterized by the distance between space of experience and horizon of expectation, and this movement would be seen in the dynamic of the emerging, transformation and meaning of the concepts, over all, in the way as men understand history.

Key-words: Koselleck, Historical Concepts Dictionary, modernity.

Todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas; todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a se ossificar. Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado, e os homens finalmente são levados a enfrentar (...) as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos (BERMAN, 1986:20).

Pensar a modernidade tem sido um dos maiores desafios aos intelectuais. Alguns acreditam hoje que aquele mundo já foi ultrapassado, ousando falar em uma “pós-modernidade”, mas ainda assim, se mantêm perplexos face à complexidade dos eventos

¹ Doutoranda em História Social da Cultura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC - Rio. E-mail para contato: gessicagg@yahoo.com.br

que inauguraram uma nova maneira de pensar no Ocidente. A gênese do mundo moderno e sua relação com a história foi matéria de destacado interesse na obra do historiador alemão Reinhart Koselleck, e sobre tais idéias que nos debruçaremos nesse comentário.

Desde *Crítica e Crise*, tese de doutoramento de Koselleck, defendida em 1954, até os trabalhos no *Geschichtliche Grundbegriffe*, dicionário histórico dos conceitos que ele organizou ao lado de Otto Brunner e Werner Conze, uma preocupação persistiu nas investigações do historiador alemão: importava-lhe entender o conjunto de transformações no mundo europeu no limite entre os séculos XVIII e XIX. Equivocar-se-ia aquele que julgasse ser essa delimitação temporal apenas aleatória, exatamente, pois uma das principais teses de Koselleck consiste na afirmação de que entre 1750 e 1850 ocorreram transformações tão significativas no cenário histórico europeu que esse período pode ser compreendido como um *Sattelzeit*, um “tempo de sela” no qual se pode vislumbrar ao mesmo tempo o mundo que desmorona e o que é erguido sob o signo da modernidade.

Para Koselleck, essa diferenciação temporal teria sido profunda o suficiente para ser percebida não apenas no desenrolar dos eventos – alguns de magnitude tal como a Revolução Francesa – mas também na forma como o homem passou a entender e articular seu entendimento sobre o mundo natural e o mundo da história. O ponto de partida do *Dicionário Histórico dos Conceitos* consiste na pressuposição de que nesse período limiar, não apenas foram criadas palavras novas para expressar novas idéias e acontecimentos; nem tão somente palavras antigas tiveram alterado o seu significado para atender as demandas do mundo em gestação; mas, sobretudo, os conceitos passaram por transformações semânticas em suas estruturas, através de sua temporalização, democratização, ideologização e politização.

O grandioso projeto dos oito volumes do *Dicionário* se justifica pela importância de analisar os conceitos em disputa no período de 1750 a 1850, para melhor compreender a gênese dos tempos modernos. E, certamente, um dos conceitos mais caros ao projeto dos três historiadores e, em especial, das considerações de Koselleck, é o conceito de história. Portanto, é a partir da idéia de história na modernidade que buscaremos entender a noção de *Sattelzeit*, bem como a empreitada metodológica de Koselleck via “história dos conceitos”.

A história dos conceitos – *Begriffsgeschichte* – desenvolveu-se na Alemanha a partir da tradição da filologia, da hermenêutica e da filosofia da história, e como expressão de descontentamentos com os resultados da história das idéias, tal qual foi desenvolvida por Meinecke, que se arriscava ao apresentar as idéias como constantes no tempo. Segundo Marcelo Gantus Jasmin e João Feres Júnior, a principal reivindicação metodológica da história dos conceitos consiste em assinalar que “os conflitos políticos e sociais do passado

devem ser descobertos e interpretados através do horizonte conceitual que lhes é coetâneo e em termos de usos lingüísticos, mutuamente compartilhados e desempenhados pelos atores que participam desses conflitos” (JASMIN e JÚNIOR, 2006: 23).

Os autores ainda destacam que esse esforço de contextualização aproxima a história dos conceitos de Koselleck ao enfoque collingwoodiano da teoria lingüística de Quentin Skinner. Ao considerar a possibilidade dessa aproximação, Koselleck concordou que todo ato de fala é único e que os conceitos devem ser concebidos como atos de fala de um contexto específico e ininteligível senão em seu lugar e tempo de articulação. Embora o ponto de partida da história dos conceitos também seja tributário deste contextualismo, Koselleck percebeu na metodologia de Skinner um historicismo demasiadamente rigoroso, e seguiu adiante e ao enunciar que, se por um lado, os conceitos enquanto atos de fala apenas podem ser compreendidos em seu contexto; por outro lado, podemos historicizar a o percurso de influência desses conceitos, ou seja, podemos escrever a história de sua recepção.

Os contextos originais dos conceitos mudam; assim também o fazem os significados dos conceitos originais ou subseqüentes transportados pelos contextos. A história dos conceitos pode ser reconstruída através do estudo da recepção ou, mais radicalmente, da tradução dos conceitos que, usados pela primeira vez no passado, são postos em uso pelas gerações posteriores (JASMIN e JÚNIOR, 2006:101).

Além de assegurar a legitimidade da história dos conceitos, por meio de sua recepção, Koselleck também nos advertiu para o fato que por mais que os conceitos sejam descontínuos, a semântica do conceito só é possível a partir do conceito que o precede, seja como continuidade, seja como ruptura de sentido. Como, por exemplo, o conceito de “classe” [*Klasse*] relaciona-se com o conceito de “ordem” [*Stand*], na Alemanha do século XVIII. A partir de uma “história efetual” dos conceitos podemos investigar a relação entre os conceitos na medida em que essas semânticas são mobilizadas.

Os conceitos distinguem-se das palavras – todos os conceitos são palavras, mas nem todas as palavras são conceitos – pois, significante e significado são recíprocos e não remetem a um terceiro elemento; eles apenas são possíveis juntos e sua relação é sempre móvel. E, além da possibilidade de um conceito ter seu significado alterado no tempo, também devemos lembrar que um conceito nunca encerra em si a realidade, tal como a realidade não encerra em si o conceito, a tensão constante entre “pragmata” e “dogmata” se mantém porque o conceito também cria a realidade ao projetá-la no futuro. Segundo Marcelo Jasmin, “na relação complexa entre conceitos e realidade, entre dogmata e pragmata, a separação entre linguagem e história não implica a recusa *tout court* do caráter lingüístico constitutivo da realidade social e política, mas a busca de um modelo teórico no

qual os significados lingüísticos simultaneamente criam e limitam as possibilidades da experiência política e social” (JASMIN, 2005: 33).

E essa projeção do conceito no futuro é uma das principais características da modernização. A hipótese do *sattelzeit* baseia-se na pressuposição de que no limiar dos séculos XVIII e XIX ocorreu uma aceleração do tempo histórico de maneira que não apenas a concepção de tempo foi alterada, mas também se modificou o modo do homem se relacionar com a história. A hipótese acima se baseia na constatação de que nos países de língua alemã o processo de ressignificação de termos e o surgimento de neologismos apontam para a luta política e social travada em disputa pelos conceitos que representariam o mundo em construção. Koselleck afirmou que, a partir deste período “diminuiu o conteúdo empírico presente no significado de muitos conceitos, enquanto aumentava proporcionalmente a exigência de realização futura contida neles. A co-incidência entre o conceito empírico e o campo de expectativa diminuía cada vez mais” (KOSELLECK, 2006: 102).

A modernidade diferencia-se do período anterior na medida em que espaço de experiência e horizonte de expectativa distanciam-se, pois, se na antiguidade e no medievo aquilo que se esperava do futuro, de certa forma, era um reflexo das experiências passadas; no alvorecer dos tempos modernos a experiência já não é mais suficiente para a composição do horizonte de expectativa, uma vez que a crença no progresso e na perfectibilidade humana – originadas no otimismo ilustrado – somada à percepção da aceleração das mudanças, conferiu ao homem moderno a sensação de que o futuro não poderia mais ser lido pelas lentes do passado, porque o que lhes aguardava à frente deveria ser inevitavelmente diferente e, sobretudo, melhor do que tudo que o antecedeu.

Minha tese afirma que na era moderna a diferença entre experiência e expectativa aumenta progressivamente, ou melhor, só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir de momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então (KOSELLECK, 2006: 314).

Para o historiador alemão é a tensão entre as categorias meta-históricas da experiência e expectativa que fazem surgir o tempo histórico, como resultado da relação entre o que foi vivido e o que se espera do futuro, operando, dessa forma, com a inter-relação entre passado-presente-futuro na representação que o homem faz da realidade. O descolamento entre espaço de experiência e horizonte de expectativas que teria se efetivado na Alemanha entre os cem anos privilegiados nos estudos de Koselleck, inaugurou, portanto, os tempos modernos, e tal processo poderia ser verificado na proliferação de neologismos cujos significados apontavam sempre para uma realidade ainda

não existente, a qual o novo conceito ao mesmo tempo em que conferia potência, ao assegurar a realização da idéia no futuro; guiava a ação no presente.

Essa operação semântica apenas foi possível, pois, a modernidade vivenciou uma temporalização através da qual o próprio tempo tornou-se uma força da história: não apenas a história se realizaria no tempo, mas por meio dele. Todavia, devemos assinalar que tal concepção do tempo histórico é afluente de um novo entendimento da história, a saber, a história em si, como um singular coletivo, que significa tanto a série de acontecimentos, como a sua narrativa. A contundente substituição do conceito *Historie* pelo conceito *Geschichte*, na Alemanha por volta de 1750, é um sintoma desse processo de modernização, pois a história deixa de ser compreendida como uma série de relatos sobre o passado cujo principal objetivo era instruir os homens para a vida – na fórmula ciceroniana a história *magistra vitae* – e transforma-se em totalidade: simplesmente a História. Essa história moderna compreende o devir de toda a humanidade através do tempo; como o tempo converte-se no próprio signo da história, esta só poderá ser pensada como processo, e sob a influência da quimera iluminista, imaginava-se que este movimento deveria se dirigir irresistivelmente para o progresso. Koselleck nos diz que “o “progresso” é o primeiro conceito genuinamente histórico que apreendeu, em um conceito único, a diferença temporal entre experiência e expectativa” (KOSELLECK, 2006: 320).

Esses “conceitos de movimento”, como os denominou Koselleck, são responsáveis por revelar um mundo novo e sua tarefa seria “ordenar sob novos lemas as massas que deixavam para trás as sociedades estamentais; [deles] faziam parte interesses sociais bem como diagnósticos científicos e políticos. Por isso servem de slogans para a formação de partidos” (KOSELLECK, 2006: 326). O surgimento de inúmeros conceitos terminados em “ismo” é um indício dessa nova função dos conceitos, uma vez que quando mobiliza-se conceitos como “republicanismo”, “liberalismo”, “comunismo”, entre outros, os atos de fala extrapolam a experiência e pretendem construir uma realidade até então desconhecida, cuja possibilidade de efetivação está compreendida na evocação mesma do conceito e de sua experimentação no presente. Segundo Koselleck, esses conceitos “superestimam a perspectiva de orientação histórica para o futuro, para, aliados a ele, justificar a si mesmos” (KOSELLECK, 2006: 296).

Na Alemanha setecentista esse processo foi tão profundo que o historiador também teve sua historicidade descoberta. Através do conceito de *ponto de vista*, Chladenius descortinou o lugar de fala do observador e afirmou a inevitabilidade da narrativa perspectivista na escrita da história. No decorrer da segunda metade do século XVIII, os historiadores alemães freqüentemente reivindicaram pelo reconhecimento do lugar histórico do historiador, Gatterer radicalizou ainda mais a questão ao afirmar que a posição do

historiador no processo histórico também influenciava seu entendimento sobre o passado, isto é, o ponto de vista também é condicionado pelo tempo que afasta evento narrado e narrador. Neste momento, a história do presente é substituída pela valorização da distância temporal no estudo do passado, segundo a idéia de que o próprio processo histórico confere melhor inteligibilidade sobre seu desenvolvimento. E finalmente, com Semler, o conhecimento histórico transforma-se em sinônimo de “história da história” (KOSELLECK, 2006: 176). Sobre esta modificação no pensamento histórico, Koselleck concluiu que “a teoria da perspectiva histórica legitima a mudança do conhecimento histórico ao atribuir à seqüência cronológica uma função criadora de conhecimento. Graças à sua temporalização, as verdades históricas passam a ser verdades superiores” (KOSELLECK, 2006: 293). Isto é, o discurso do historiador legitima-se não pela objetividade, mas pelo reconhecimento de seu pertencimento à história, dessa maneira, o tempo transforma-se em oráculo da história.

O *Sattelzeit* consistiria, então, em uma faixa de tempo onde poderíamos observar o surgimento da modernidade a partir da mudança da concepção de tempo e história, processo este refletido na estrutura dos conceitos que foram ressignificados, esquecidos ou inventados para representar e, ao mesmo tempo, criar esse “mundo moderno”. E, somando-se à verificação do deslocamento entre espaço de experiência e horizonte de expectativa, Koselleck observou que os tempos modernos também foram determinados pela sensação constante de aceleração da passagem do tempo. Em discurso na Convenção Nacional, em 10 de maio de 1793, Robespierre, conclamou os cidadãos à mudança: “chegou o tempo de chamá-la [a sociedade] a seus verdadeiros destinos; os progressos da razão humana prepararam esta grande Revolução, e a vós especialmente é imposto o dever de acelerá-la. Para cumprir vossa missão, é necessário fazer precisamente o contrário do que existiu antes de vós” (ROBESPIERRE, 1999: 95).

A *filosofia das luzes* colaborava para essa sensação de aceleração: o otimismo no futuro e a fé no progresso afastava o olhar do presente e abria ao horizonte um futuro a ser vislumbrado, e, como assinalou Koselleck em *Crítica e Crise*, na medida em que a crítica era secreta, a crise ficava encoberta e a ação do presente perdia importância face a necessidade de planejar o futuro. Quando o presente se precipitou e trouxe o futuro à tona, a *Revolução* foi uma surpresa! Embora desejosos por um novo mundo, muitos *aufklärers* consideraram a revolução uma exagero.

Os tempos que se seguiram à Revolução Francesa contribuíram ainda mais para essa percepção. A mudança do regime francês, as conquistas napoleônicas e as primeiras conseqüências da Revolução Industrial inglesa mostravam aos europeus que os tempos realmente eram novos, e que o passado ficava cada vez mais distante. Nessa tarefa de construção do novo mundo a história desempenhou um papel de grande relevo: cabia à

filosofia da história apontar a direção e garantir o sucesso da jornada. Para Koselleck, “foi só com o advento da filosofia da história que uma incipiente modernidade desligou-se de seu próprio passado, inaugurando, por meio de um futuro inédito, também a nossa modernidade” (KOSELLECK, 2006: 35). No entanto, segundo o historiador, ao mesclar política e profecia, a filosofia da história foi responsável por elaborar o enredo da história do homem rumo ao progresso e, ao mesmo tempo, de mascarar a ideologização dos conceitos que ao apontar para o futuro dissimulavam a ação no presente.

Na esteira dessa ideologização, a filosofia da história, por vezes, abriu mão da crítica em prol do consolo no futuro; a história da redenção laica do homem encobriu os crimes do presente; e, por de um futuro no horizonte, muitos homens esqueceram-se que a aporia da política consiste na ação concreta em seu mundo. Para Koselleck, enquanto a história se mantiver alienada à filosofia da história, isto é, à utopia, permanecerá a crise do homem imobilizado pelo gigante do “tempo”, pois, “reduziu-se a própria política, enquanto tarefa constante da existência humana, a construções utópicas do futuro,” (KOSELLECK, 1999: 17) e o futuro a *Chronos* pertence.

Encerro este breve comentário propondo uma reflexão acerca das palavras de Nietzsche sobre a modernidade, em *Além do Bem e do Mal*, pois, em um tempo onde *tudo que é sólido desmancha no ar*, o homem pode perder seu chão.

Nesses pontos limiares da história exibem-se – justapostos quando não emaranhados um no outro – uma espécie de tempo tropical de rivalidade e desenvolvimento, magnífico, multiforme, crescendo e lutando como uma floresta selvagem, e, de outro lado, um poderoso impulso de destruição e autodestruição, resultante de egoísmos violentamente opostos, que explodem e batalham por sol e por luz, (...). Nada a não ser novos “porquês”, nenhuma fórmula comunitária; um novo conluio de incompreensão e desrespeito mútuo; decadência, vício, e os mais superiores desejos atacadados uns aos outros, de forma horrenda, o gênio da raça jorrando solto sobre a cornucópia de bem e mal; uma fatídica simultaneidade de primavera e outono (apud BERMAN, 1986: 21).

Bibliografia

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Rio de Janeiro: EDUERJ; Contraponto, 1999.

_____. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006

JASMIN, Marcelo Gantus e JÚNIOR, João Feres (org.). **História dos Conceitos: debates e perspectivas.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Edições Loyola; IUPERJ, 2006.

_____. "História dos conceitos e teoria política e social: referencias preliminares". **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Vol 20, n.º 57. São Paulo, fevereiro, 2005

ROBESPIERRE, Maximilien de. **Discursos e relatórios na Convenção.** Rio de Janeiro, EDUERJ: Contraponto, 1999.

Recebido em *junho* de 2009

Aprovado em *outubro* de 2009